

Ano XX nº 5823 – 01 junho de 2018

Bancários se unem a outras categorias no Dia Nacional de Luta em defesa das Empresas Públicas



Os bancários de diversas regiões do Brasil se mobilizaram, ao lado de diversas categorias, para o Dia Nacional de Luta em defesa das empresas públicas, realizada na última quarta-feira (30). Os atos foram realizados em apoio à greve dos Petroleiros, juntamente com as Frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo, e representantes de diversos ramos de atividade e entidades nacionais de trabalhadores.

Em Brasília, manifestantes estenderam uma faixa em frente à sede do STF e provocaram os magistrados: "Grande acordo nacional, com o Supremo, com tudo", em referência à frase extraída de escutas telefônicas no âmbito da Operação Lava Jato.

Em São Paulo, ato pela redução do preço do combustível e do gás ocorreu em frente ao prédio que abriga o escritório da Petrobras.

Para Juvandia Moreira, presidenta da Contraf-CUT, o custo dos combustíveis e do gás de cozinha disparou devido à política, adotada por este governo golpista, que tem à frente da Petrobras o indicado pelo PSDB, Pedro Parente, que resolveu não refinar o petróleo aqui no Brasil e adotar uma política de preço internacional. "O Brasil produz petróleo suficiente para refinar e atender a demanda nacional. Mas, ao invés disso, está importando dos Estados Unidos."

Juvandia enfatizou ainda a importância da defesa e do fortalecimento do patrimônio público contra os ataques do governo. "Precisamos defender a Petrobras e defender uma política de fortalecimento das empresas públicas para que o brasileiro não seja penalizado. Dentre elas, estão os bancos públicos que também estão sob ataques e precisam ser defendidos contra os interesses dos grandes oligopólios, nacionais e internacionais".

A riqueza de poucos beneficia todos nós?

Achille Mbembe em, O fim da era do humanismo, apresenta um cenário de guerras que infelizmente torna-se cada vez mais provável: com o crescimento das desigualdades em todo o mundo, conflitos sociais na forma de racismo, ultranacionalismo, sexismo, rivalidades étnicas e religiosas, xenofobia, homofobia e outras paixões mortais. A partir da difamação crescente de virtudes como o cuidado, a generosidade, a leitura dele é que os pobres,

e não só eles, passarão a acreditar que ganhar – por qualquer meio necessário – é a coisa certa a ser feita. E então virão novos impulsos separatistas, a construção de mais muros, a militarização de mais fronteiras, formas mortais de policiamento, guerras mais assimétricas, alianças quebradas e inumeráveis divisões internas, inclusive em democracias estabelecidas.

Apesar de a desigualdade planetária entre economias nacionais, medida em renda per capita média, continuar a encolher, a distância entre os mais ricos globais e os mais pobres globais continua a crescer, e os diferenciais de renda dentro dos países continuam a se expandir. No Brasil, os 10% mais ricos detêm 55% da riqueza, num movimento crescente. Nos Estados Unidos esse percentual é de 47% e na França de 33%. Temos de repensar nossos valores, metas, modelos de organização e o processo de acumulação capitalista que gerou a grande armadilha social, o moto-contínuo da desigualdade, tal como definido por Bauman em A riqueza de poucos beneficia todos nós?: "Pessoas que são ricas estão ficando mais ricas apenas porque já são ricas. Pessoas que são pobres estão ficando mais pobres apenas porque já são pobres. Hoje a desigualdade continua a aprofundar-se pela ação de sua própria lógica e de seu momento. Ela não carece de nenhum auxílio ou estímulo a partir de fora – nenhum incentivo, pressão ou choque. A desigualdade social parece agora estar mais perto do que nunca de se transformar no primeiro moto-perpétuo da história – o qual seres humanos, depois de inumeráveis tentativas fracassadas, afinal conseguiram inventar e pôr em movimento."

